

P R O C Ó P I O

O  
ATOR  
VASQUES

O HOMEM E A OBRA

\* Este livro foi composto e  
impresso nas oficinas de  
José Magalhães, á Rua  
Quirino de Andrade, 59  
São Paulo - 1939



AMOR EM  
LIQUIDAÇÃO

(GAZETINHA - Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1882).

N.º 82.

AMOR EM LIQUIDAÇÃO

Observações cômicas, feitas por um namorado infeliz, escritas pelo artista Vasques, e por êle recitadas no teatro Santana na noite do seu beneficio, a 12 de Abril de 1882.

*"Credores da massa falida":*

Um fidalgo — Um sapateiro — Um carpinteiro —  
Um funileiro — Um alfaiate — Um cozinheiro — Um  
pedreiro — Um ourives — Um barbeiro — Um ator —  
Um espectador — Um sacritão — Professores de música — Um pintor — Um urbano — Um pescador —  
Um taverneiro — Um boticário — Um jogador.

CENA ÚNICA

Meus senhores e senhoras,  
Talvez eu seja imprudente,  
Querendo no deus Cupido  
Hoje aquí meter o dente.

Conjugar o verbo amar  
E' trabalho muito ativo,  
Pra se falar no presente  
E de modo indicativo.

Porém, agora, animado  
Com a vossa proteção  
Eu vou entrar, sem preâmbulo,  
Na grande conjugação.

O fidalgo, quando ama,  
Quando sente grande amor,  
Quer seja barão ou duque,  
Ou simples comendador:

Veste casaca de moda,  
Calça luvas de pelica,  
E tudo quanto um espelho  
Lhe disser que bem lhe fica.

Porém, o amor, zombando  
lhe grita: — "Que queres tu?  
Vai tirar a fatiota:  
Cupido só anda nu.

Ao entregar-te meu cetro,  
Necessito muita calma;  
Eu quero ver-te despido;  
Preciso ver a tua alma!"

E tem razão o pequeno:  
Não é com falsos brasões  
Que o peixe pega na isca,  
Que se pescam corações.

Hoje, porém, 'stá mudado,  
O sistema de Cupido;  
Ninguém mais lhe tem respeito...  
O amor está corrompido!

Coitado! fêz bancarrota  
No seu negócio de amores;  
Liquida tudo, e não dá  
Nem dez por cento aos credores!

Empenhou arcos e flechas;  
Já não tem a cara meiga;  
Soluça, geme e suspira,  
Comendo pão com manteiga!

Não possui mais quebra-enguço,  
Todos lhe pregam calote;  
Pra se livrar da "macaca",  
Coitado! não tem "mascotte".

Envergonhado e corrido,  
O que lhe resta? chorar  
Sôbre os destroços que vê,  
E que passo a demonstrar:

O sapateiro, se acaso  
O seu bem lhe fizer tromba...  
De sovela e de martelo  
Mete-lhe logo uma tomba.

O carpinteiro, se encontra  
O seu bem numa traição,  
Serra o ciúme com raiva...  
Passa-lhe a plaina ou formão.

Se o funileiro também  
Infeliz é nos amores...  
Põe-se a rir, e vai fazer  
Modelos pra regadores.

O alfaiate, se a bela  
Quer dêle fazer um pulha...  
Sossegado torce a linha...  
E vai enfiando a agulha...

Ciúmes, o cozinheiro  
Há muito que não aguenta:  
Mistura-o na caldeirada  
Com cheiro, salsa e pimenta.

O pedreiro... oh! êsse, então,  
E' que faz um grande estudo!  
Se o amor lhe abre uma brecha,  
E' logo reboque em tudo!

O ourives fabricante  
(Embora amor seja cego),  
Se a cuja não for fiel,  
Lá vai a jóia pro prego!

Ao barbeiro não importa  
Que seu amor faça fuga;  
Do peito arranca o ciúme  
Com ventosa ou sanguessuga.

O ator? Que grande malandro,  
Cupido não lhe faz cova;  
Se a peça cai na primeira,  
Estuda logo outra nova.

Frequentador de teatro  
Que namora alguma atriz,  
Se tem ciúmes... contente,  
Chama à cena e pede bis!

Pros deputados, o amor  
Já não é rei, nem é dono;  
Pra Cupido, eles não têm  
Resposta à fala do trono.

Do peito fazem muralha  
E, quando descobrem fenda,  
E' logo: — "Peço a palavra:  
Quero fazer uma emenda."

Se ao tocador de rabeca  
O amor faz acidente,  
Passa pra clave de sol,  
Parte a "prima" in-continenti!

Os senhores cá da orquestra  
Ao amor tem maltratado...  
A música tem sustenidos!...  
Passam pra baixo cifrado!

Sacristão que a namorada  
Apanhar em grande petas...  
Apaga do amor as velas,  
Escorropicha as galhetas!

O pintor, se vê que a dama,  
Saindo às terças e quintas,  
Lhe quer passar as palhetas,  
Vai logo lhe dando as tintas.

Quando o urbano percebe  
Que a sua urbana anda torta,  
Deixa-lhe entrar os gatunos,  
Não lhe ronda mais a porta.

Pescador, se a companheira  
O deixa só na catraia,  
Atira a rêde, gritando:  
— "Há mais sardinhas na praia!"

O taverneiro, se apanha  
A mentir o seu benzinho...  
Lá vai mais gis no assúcar,  
Lá vai mais água no vinho!

Ao boticário, o amor  
Não lhe faz uma trapaçal!  
Quando sente inflamações,  
— Cataplasma de linhaça.

Jogador de lasquenê,  
Que na dama jôgo faz,  
Sendo-lhe ela infiel...  
Muda o palpito pro ás!

Pobre amor, a desventura  
Tornou-te severo e mau;  
Andas magro, coitadinho!  
Pareces um bacalhau!

O amor hoje só trata  
De coisas tristes e sérias,  
Sentado à margem do rio,  
Chorando as suas misérias!

Resta saber se os senhores  
São da mesma opinião,  
Ou se entendem que da regra  
Deve haver uma exceção.

Eu, me parece que existe;  
E desculpem tanta asneira,  
Eu só quis matar o tempo...  
Tudo foi por brincadeira.

O amor sempre foi rei!  
Governa o mundo, as nações;  
A natureza lhe entrega  
Alma, vida e corações!

## O ATOR VASQUES

Confesso, pois, também amo,  
Embora exposto a perigos:  
Amo o teatro... e por isso  
Tenho aqui tantos amigos!

*F. CORREIA VASQUES.*